



AS DIFICULDADES DO MAR E DA LINGUA PORTUGUESA

CF (Ref) Celso de Mello Franco

Fernando Pessoa, o grande poeta português, escreveu em um de seus poemas que “se o mar falasse, o faria em português”, naturalmente, referindo-se aos grandes feitos e descobertas portuguesas, nos séculos XV e XVI, desbravando os perigos e mistérios dos oceanos, fato que lhes inspirou a iniciar o seu hino pátrio com a expressão “Heróis do mar”.

Tive a oportunidade de visitar o Promontório de Sagres, onde funcionou a escola dos nautas, e lá sentir que, de fato, existe algo diferente, até hoje, em seu ambiente. Trouxe, inclusive, uma pequena pedra, que ocupa lugar de destaque numa das estantes de minha biblioteca, ao lado do livro *The career and legend of Vasco da Gama*.

Mas não acaba nestes fatos a ligação estreita entre o mar (considerado por um autor inglês, que não me recordo o nome, como o “mais antigo inimigo do homem”) e nossa doce língua, e sim na dificuldade de ambos serem dominados completamente.

No caso do nosso “mais antigo inimigo”, por mais que aprendamos a lidar com ele, por mais que se tenha instrumentos e/ou equipa-

mentos que facilitem a nossa navegação, sempre existirá um algo mais a nos surpreender. Mesmo com muita prática ele nos assusta e se impõe, em sua majestade, que nos faz ver quão insignificantes somos. Não vou me estender, numa revista do clube dos Oficiais da Marinha, nos detalhes de um convívio ameno entre nós, marinheiros, e ele, onipotente; mas no caso da nossa língua sim. Se me permitem, vou contar o meu aprendizado dela.

Quis o zelo de minha mãe que eu aprendesse em casa as primeiras letras, só me matriculando, por vontade de meu pai, no Colégio Marista Externato São José, no quinto ano primário. De lá saí, após cursar o ginásial, para prestar exame para a Escola Naval, em 1943, só sendo admitido no exame de 1944, o que não impediu que me tornasse, já na reserva, “membro honorário” da turma de 43, a Turma Beauclair.

No Colégio Marista a ênfase maior era o ensino de línguas, principalmente o português e o latim, sendo que o francês nos era ministrado desde o terceiro primário até o quarto ano ginásial, quando as aulas eram todas faladas em francês, inclusive as orações que

Promontório de Sagres





**Colégio Marista
Externato São José – Rio de Janeiro**

as precediam. O inglês só nos seria ensinado a partir do segundo ano ginásial, indo, junto com o francês, até o quinto e último ano. Explica-se esta opção pelo ensino do francês o fato de ser a Ordem dos Maristas de origem francesa e de termos vários professores franceses, alguns veteranos da Guerra de 1914, fato que nos fez não termos aula no dia em que Paris caiu na Guerra de 1939, em face da tristeza chorosa de nossos mestres.

Só descobri a importância da língua inglesa quando,



Escola Naval – Rio de Janeiro

como Guarda-Marinha, tive a oportunidade de passar quase quatro meses na Inglaterra e ter a chance de por ela me apaixonar. Hoje, a maioria dos livros de minha biblioteca é em língua inglesa.

Voltando ao Colégio Marista, este proporcionou-nos, àqueles que assim o desejassem, fazer parte da Academia Literária Castro Alves (ALCA), quando, duas vezes ao mês, tínhamos aulas de redação, literatura e, não raras vezes, palestras com grandes escritores, inclusive “imortais” da Academia Brasileira de Letras. Tal fato, aliado com o tipo de autor predileto que passássemos a ler, nos daria, sem que disto nos déssemos conta, um estilo de escrever.

Destacou-se neste quesito, sem dúvida, o meu querido e saudoso colega de banco escolar, Álvaro Americano, que se tornou jornalista de escol, editorialista de *O Globo* e criador da coluna social “Carlos Swann”, lançando, como seu substituto, o não menos notável Zózimo Barroso do Amaral.

Sobre o estilo, tive a oportunidade de presenciar uma aula prática da nossa língua, quando, almoçando na redação do *Última Hora* com seu presidente, Ary de

Carvalho, ouvi do escritor Guilherme de Figueiredo, irmão do presidente João Baptista, então em exercício, a declaração de que pararia de escrever artigos para o jornal, uma vez que a interpretação de alguns prejudicava seu ilustre irmão Presidente. Ao responder à sugestão do Presidente do jornal, para que usasse um pseudônimo, respondeu, numa aula ao vivo da língua pátria: “não posso Ary, o estilo é o Homem”.

De minha parte, aprofundi o meu tornando-o de leitura fácil e leve, segundo me dizem, tendo me tornado jornalista, ao escrever, durante meio século, para o *Jornal do Brasil* e por curtos períodos para o *Última Hora* e o *Jornal do Comércio*, lendo tudo que escreveu o gênio Ernest Hemingway, em inglês, com isto sendo péssimo na ortografia, quanto ao uso do “ç” em vez dos “ss”, do “z” em lugar do “s” e, do “c” em lugar do “s”. Felizmente o computador me socorre, na minha ignorância, corrigindo os meus erros ortográficos.



Ernest Hemingway

Encerrando, dando ênfase aos meus escritos para a revista do nosso Clube, quando defendo que ela é “A Galera” dos oficiais, procurando focar assuntos de interesse aos extra-marinha também, vou lhes citar alguns exemplos das dificuldades insuperáveis para quem, como eu, não pratica muito a leitura em português:

- **A diferença de doída e doida é um acento.**
- **Assento não tem acento.**
- **Assento é embaixo, acento é em cima.**
- **Embaixo é junto e em cima separado.**
- **É a primeira vez que tu não vês.**
- **Para começar o concerto tiveram de fazer um conserto.**
- **Calça você bota, bota você calça.**

Como podem ver, é melhor deixar a revisão para o computador. Como conselho final, a todos que me honram com sua leitura e atenção, como incentivo a aprimorar seu estilo, embora propositadamente em inglês, uma vez que é intraduzível, este versinho, para que possa surtir efeito:

***Of all those arts
In which the wise excel
Nature's chief master piece
Is writing well***

(John Sheffield, em 1682) ■